

## O pensamento conservador na Câmara dos Deputados no contexto eleitoral de 2018

Letícia Baron<sup>1</sup>

Resumo: A genealogia do conservadorismo está vinculada, no contexto brasileiro e de vários países do mundo, à ideologia e aos partidos vinculados à direita do espectro político. É fato que os posicionamentos e ideias defendidos por estes modificam-se ao longo do tempo, guardando estreitos vínculos com o contexto político-discursivo a que estão vinculados. Considerando que o termo encontra-se em voga nos dias atuais, o objetivo do presente trabalho é - amparando-se na teoria de Laclau e Mouffe- compreender como os parlamentares significaram o termo no contexto eleitoral de 2018. Para tanto, será feita uma busca no sítio virtual da Câmara dos Deputados pelo termo “conservador” pelo período compreendido entre 01/01/18 a 30/10/18. Feito isso, cada pronunciamento será analisado individualmente, buscando-se elucidar o processo de significação estabelecido entre eles. A hipótese de trabalho é de que o termo conservador está sendo usado para o fortalecimento de uma pauta identitária de direita, calcada na defesa de valores religiosos e morais.

Palavras-chave: direita, conservadorismo, teoria do discurso, Câmara dos Deputados, eleição

### 1) Introdução:

A compreensão da realidade política nacional exige, à contramão do que foi feito nos últimos anos, as agendas de pesquisa voltem-se à proliferação do discurso conservador e de direita. A presença e a atuação da direita na política nacional, sempre atrelado ao discurso conservador, é uma temática que não parece despertar o interesse dos pesquisadores brasileiros nos últimos anos. Uma rápida pesquisa sobre os artigos publicados nos últimos 10 anos na plataforma Scielo, reforça esta visão. Ao pesquisar-se por “direita” nos campos de busca do título ou resumo, o que se obtém são pesquisas nas quais a ideologia de direita aparece como um resultado secundário, nos quais o principal objetivo são a análise de coesão partidária, a autopercepção ideológica como parte integrante de surveys, e, em alguns casos, a análise de conteúdo dos manifestos partidários, planos de governo e documentos de fundação.

Poucos são os trabalhos que se dedicam a entender a dinâmica de atuação dos partidos de direita no Brasil, sobretudo seu discurso. Na década de 1980, Maria do Carmo C. de Souza chamou a atenção para o que ela denominou de fenômeno da “direita envergonhada” (Souza,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciência Política pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: leticiakbaron@gmail.com

1988). Este se constituiria em um traço dos partidos de direita brasileiros após o final do regime autoritário, período no qual a definição do significado de direita e esquerda estava diretamente ligado ao seu envolvimento (ou não) com o regime. Posteriormente, Power e Zucco (2009) investigaram se a auto-definição de membros de partidos considerados de direita (PDS/PPB/PPR/PP e PFL/DEM), como sendo de centro seria condizente com o esforço de boa parte destes grupos políticos para desvincular a sua imagem do antigo regime autoritário (TAROUCO e MADEIRA, 2010). Desde então, o que se observa é a ausência de um partido político de grande expressão eleitoral que se auto-intitule abertamente porta-voz da ideologia de direita (MAINWARING, MENEGUELLO e POWER, 2000).

Contudo, as manifestações observadas em todo o país no ano de 2015 demonstraram uma mudança neste panorama, trazendo à tona discursos até então inibidos no cenário político brasileiro (Tatagiba, Trindade e Teixeira, 2015). Como pontua Kaysel, esse “orgulho direitista” recém-adquirido parece contrastar com a história de uma sociedade na qual a “direita” em geral possuía uma conotação pejorativa. Como este autor pontua, é importante não perdermos de vista o fato de que as direitas têm no Brasil uma longa história, sem a qual a atual onda reacionária se torna incompreensível. Desta forma, cabe frisar que os traços conservadores, sempre presentes ao longo da história política brasileira, são parte significativa deste novo discurso, agora mais explícito (KAYSEL, 2016, p.49). A este respeito, concordamos com Kaysel ao afirmar que o conservadorismo em questão aproxima-se mais da definição cunhada por Huntington, segundo a qual ele pode ser entendido como uma “ideologia posicional”, isto é, que só se define pela contraposição às investidas radicais, não tendo um conteúdo próprio (HUNTINGTON, 1957, *apud* KAYSEL, 2016, p. 51).

Os cientistas políticos que se debruçam sobre este fenômeno diagnosticam que, nos anos recentes, a arena política relativizou uma constelação de direitos sociais consolidados, principalmente após a promulgação da Constituição de 1988. Este movimento, de raízes complexas e atuação ampla, eles vêm chamando genericamente de “onda conservadora”. Segundo Almeida (2019), a onda conservadora deve ser compreendida como

um emaranhado de vários jogadores em diferentes tabuleiros. Daí pensá-la quebrada em linhas de força que resultam dos processos sociais, e que por sua definição são desiguais, assimétricos e com temporalidades distintas. Trata-se de vetores sociais das mudanças porque passa o país. Não se pretende atribuir a qualquer uma delas o fator causal para a crise em curso, mas analisar como se articulam e configuram a

conjuntura atual. Elas estabelecem entre si conexões parciais, ora por afinidades ora por estratégia, mas todas convergem no sentido da praia. (ALMEIDA, 2019, p.208)

Ainda que o conservadorismo esteja em expansão no mundo todo, ele assume contornos nacionais e varia de acordo com as diferentes realidades. Michel Löwy, ao traçar comparativos entre a realidade brasileira e europeia, alude importantes comparativos. Diz o autor que as duas realidades são distintas na medida que o pensamento neofascismo, na Europa, tem raízes na experiência da década de 30 e 40. O mesmo não ocorre no Brasil: a extrema-direita atual não bebe e não referencia o integralismo, que influenciou o golpe do Estado-Novo, em 1938. O autor não diagnostica, da mesma forma, que no Brasil existam partidos de massa radicais calcados no racismo ou no sexismo, como ocorre, por exemplo, na França. Por outro lado, os conservadores brasileiros apelam aos militares, por meio de uma ode ao saudosismo ditatorial e requerendo o retorno à ordem por meio de uma intervenção militar. As duas experiências se aproximam, na visão do autor, por capitanearem o tema da luta contra a corrupção. No Brasil, segundo o autor, tal tradição já é registrada desde os anos de 1940: o discurso anticorrupção é colocado para justificar o poder das oligarquias tradicionais e para trazer legitimidade aos golpes militares. No contexto europeu, a mobilização é recente e trouxe, assim como no Brasil, resultados positivos. Outros sentidos discursivos também aproximam as duas regiões: ambas são defensoras de uma ideologia repressiva, calcado no culto à violência policial e na defesa da pena de morte, além da intolerância com as minorias sexuais.

As contribuições dos autores fazem com que nos questionemos sobre o que significa, hoje, ser conservador no Brasil. O termo, popularizado no contexto eleitoral em 2018, é controverso. Consciente de que se trata de uma palavra em disputa em torno de distintos projetos políticos, o objetivo deste trabalho é trazer alguns pontos de iluminação para a compreensão deste complexo fenômeno. A fim de cumprir com tal objetivo, propõe-se fazer uma análise dos discursos parlamentares em 2018 que tocaram neste tema, privilegiando as ferramentas teóricas e analíticas da teoria do discurso de Laclau e Mouffe. A metodologia desenvolvida, de cunho qualitativo, busca desvendar como se deu o processo de significação em torno da palavra “conservador”, sem perder de vista os antagonismos e dissensos que caracterizaram o período pré, pós e eleitoral em 2018.

O presente trabalho se divide em quatro momentos distintos. Em um primeiro momento, faz-se a apresentação da teoria laclauiana, valorizando-se a noção de discurso e ideologia adotada pelo autor. O objetivo principal desta sessão é demonstrar os pressupostos que

embasam a presente pesquisa e como seus conceitos auxiliam na explicação deste complexo fenômeno. Em um segundo momento, explorar-se-á o contexto discursivo de 2018, a fim de elucidar as condições de emergência dos discursos. No terceiro momento, demonstrar-se-á quais sujeitos foram portadores do discurso. Os dados ali elencados complementam a quarta parte do artigo, que diz respeito à análise dos sentidos discursivos, traçando o panorama completo da temática abordada.

## **2) Marco teórico-conceitual:**

O desenvolvimento de um procedimento metodológico baseado nos pressupostos epistêmicos do pós-estruturalismo – tão pouco elaborados pelos estudiosos da Ciência Política brasileira – faz necessária a explicação sobre as principais ferramentas teóricas utilizadas, principalmente a noção de ideologia e de discurso. Nesse sentido, a primeira parte da explanação dará conta da noção de discurso – enfatizando seu aspecto material – ao passo que a segunda parte tratará da noção de ideologia a partir de uma concepção mais contemporânea. (Žižek, 1992, 1996; Laclau, 1990, 2014)

De início, é preciso compreender que a noção de discurso, na teoria proposta por Laclau e Mouffe, sofre influência das discussões francesas iniciadas a partir dos estudos de Saussure. O autor (2006) defende que há uma distinção entre o objeto (o significante) e sua imagem acústica (o significado) e que tal processo de significação é estrutural e dependente de um contexto relacional e negativo. A existência de um sentido está vinculada a outro que é diferente dele, e justamente por isso é negativo (A é A, porque não é B). Do ponto de vista da teoria do discurso, os indivíduos são sujeitos e, nessa condição, aceitam e reproduzem as regras das estruturas que preexistem a eles. As estruturas são, nesse contexto, discursos.

Daí porque se faz tão necessário compreender o que os autores compreendem por discurso. Para os autores, ele ultrapassa o mero exercício mental de organização de ideias por meio de frases gramaticalmente estruturadas, para assumir um caráter material. Disso decorre que não há uma distinção entre o discurso e práxis, visto que a distinção usualmente feita entre os aspectos linguísticos e comportamentais de uma prática social ou é uma distinção incorreta, ou deve ter lugar como diferenciação na produção social de sentido. (Laclau e Mouffe, 2015, p. 180). Laclau (2000, p.10 apud Mendonça, 2003, p. 140) explica que “um espaço social deve ser considerado como um espaço discursivo se por discurso não se designa somente a palavra ou a escrita, mas todo o tipo de ligação entre as palavras e ações, formando assim totalidades

discursivas.”

Conforme se pode depreender, é no campo da discursividade que se operacionaliza a fixação de sentidos parciais, por meio de uma prática articulatória. A articulação, segundo os autores (2015, p. 178), se estabelece entre elementos que, até então, estavam dispersos um em relação ao outro, de forma aleatória, no campo da discursividade. A prática articulatória agrega esses elementos – antes dispersos – e os transforma em momentos. Essa transformação resulta na “modificação de identidades, ou melhor, em uma alteração semântica de seus conteúdos particulares anteriores ao seu ingresso na prática articulatória.” (Mendonça, 2003, p. 141). O discurso, por sua vez, “é a totalidade estruturada resultante desta prática articulatória.” (Laclau, Mouffe, 2015, p. 178).

Disso decorre uma importante consequência: é no interior do discurso que se dá a produção de sentido, que jamais será completa pela impossibilidade de se atingir o sentido último. Assim sendo, a estrutura discursiva somente fixa sentidos parciais, viabilizando a flutuação das diferenças. Laclau e Mouffe esclarecem que “a transformação de elementos em momentos nunca é completa (Laclau, Mouffe, 2015, p. 194)”. Isso quer dizer que as identidades se constituem através de uma prática articulatória que, em um dado momento, as uniu em torno de um ponto nodal que expressa um sentido comum entre elas. Contudo, suas diferenças não são apagadas, pela própria presença de elementos. Essa perspectiva é decisiva para que se possa compreender o que se entende, no âmbito deste trabalho, por ideologia.

O conceito de ideologia aqui adotado – que assume centralidade e justifica o desenvolvimento da metodologia aqui proposta – tem inspiração na produção contemporânea, principalmente nas obras de Althusser (1985), Laclau (1990, 2002) e Slavoj Žižek (1992, 1996).

Althusser (1985), na obra *Ideologia e os Aparelhos Ideológicos do Estado*, defende que a noção de ideologia está sempre presente nas estruturas. Sua constatação deriva do fato de que, no nível ôntico, a presença da ideologia é uma constante ao passo que, no nível ontológico, elas possuem existência difusa e são substituídas por outras. Considerando que a teoria do discurso defende, conforme explanamos acima, que o processo de significação é sempre precário e contingente, o papel da ideologia é justamente dar um sentido de permanência. Segundo Laclau (1990, p. 106), “o ideológico seria a vontade de “totalidade” de todo discurso totalizante”. Nesse sentido, a ideologia tem a função de produzir um efeito

de verdade.

Outro ponto que é importante destacar sobre a noção de ideologia adotada na teoria do discurso político diz respeito à percepção tradicionalmente defendida pela corrente marxista de que ela se configura como um obstáculo a verdade efetiva das coisas. A teoria do discurso, enquanto ferramenta teórica alicerçada na epistemologia pós-estruturalista, rejeita qualquer prescritibilidade ou normatividade absolutas, uma vez que se antepõe a busca racionalista de uma verdade indiscutível e transparente pela própria impossibilidade do fechamento completo de sentidos. Inserido nesse contexto, a ideologia não tem esse condão de esconder a verdade, embora deva ser assim percebida no nível ontológico, no qual atuam os parlamentares.

Sabendo-se disso, é possível fazer a intersecção entre as noções de discurso e ideologia. Conforme explanado, o processo de significação é infinito, porque marcado sempre pela contingência e pela precariedade. O papel da ideologia é justamente fechar os sentidos que um significado pode trazer, trazendo consigo um sentido de verdade.

Esses dois conceitos são fundamentais para a pesquisa que se propõe a ser realizada porque vem a demonstrar que todas as ações dos parlamentares estão sedimentadas pela ideologia, não se podendo falar de ações “extra-ideológicas”. Tal concepção teórica marca um rompimento com a literatura tradicional, que vem a considerar que os parlamentares vêm a fazer rompimentos com sua ideologia tradicional em prol de um ideal de governabilidade ou para trazer efetividade a políticas que beneficiam o bem comum. Considera-se que essas atitudes, para além de não caracterizarem um abandono ideológico, são manifestações ideológicas que justificam a representação dentro de uma concepção democrática liberal que se preocupa principalmente com a manutenção de cargos legislativos.

### **3) O contexto discursivo de 2018:**

Em 2018, os pontos de fratura afloraram em múltiplos planos e trouxeram à tona velhas e novas crises no Brasil e no mundo, abrindo um novo ciclo carregado de incertezas. Foi um ano de aprofundamento da polarização política e do fortalecimento da extrema direita em várias partes: um ano que mais separou que uniu as forças que mantêm as democracias. No contexto brasileiro, foram vários os acontecimentos que contribuiram para que este ano seja considerado um dos mais polêmicos desde a redemocratização.

No âmbito da política, foram várias as medidas governamentais (e extragovernamentais) que dividiram e movimentaram a opinião pública: o ano iniciou-se com a intervenção militar no Rio de Janeiro, seguido pelo assassinato da vereadora carioca Marielle Franco. Em um contexto já bastante polarizado, o país teve de lidar com a greve nacional dos caminhoneiros e com a série de insatisfações políticas que dela decorreram. A ascensão do pensamento de direita já se mostrava de forma latente, fortalecendo-se com a prisão do Ex-Presidente (e pré-candidato petista às eleições federais) Luiz Inácio Lula da Silva e com a posterior eleição do candidato ultraconservador Jair Bolsonaro.

A primeira ação controversa, protagonizada pela cúpula do Governo Temer, determinou pela intervenção federal no Estado do Rio de Janeiro. O Estado, que sofria com o contingenciamento de seu orçamento e pela escalada da violência urbana, obrigou o governo federal a determinar estado de calamidade pública. A fim de sanar tal situação, e também para coibir o processamento do impeachment do então Presidente da República, o Palácio do Planalto promulgou em 16 de fevereiro de 2018 o Decreto nº 9.288, determinando pela intervenção federal no Estado do Rio de Janeiro até 31 de dezembro de 2018. A medida gerou uma série de controvérsias sociais, que recriminaram a presença de militares no Estado e a criminalização das periferias locais.

A discussão sobre a intervenção não havia sido pacificada quando uma das mais relevantes vozes cariocas em defesa dos Direitos Humanos foi silenciada. Em 14 de março de 2018, de forma abrupta, a vida da vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco foi silenciada. A investigação sobre a autoria do fato, até hoje não plenamente resolvida, apontava a dimensão política do crime, principalmente por conta do relevante papel que a vereadora desempenhava na denúncia dos abusos policiais e na defesa dos direitos fundamentais da população carente. O triste fato fez com que surgissem, em todo o território nacional, manifestações em homenagem à política e denunciadoras da violência a que estão submetidas as periferias sob dominação dos milicianos.

Nos primeiros dias de abril, a opinião pública novamente confrontou-se com fatos polêmicos: o então juiz Sérgio Moro expediu, no dia 05 de abril de 2018, mandado para a prisão do Ex-Presidente Lula. O líder político exilou-se no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista até o dia 07 de abril, quando se entregou à Polícia Federal. O ato trouxe uma série de consequências políticas: o Brasil não só vivenciava a prisão de um importante líder político, como também via frustrada a principal candidatura de esquerda ao Executivo Federal.

Relevantes analistas políticos consideram este ato o principal indutor do resultado eleitoral vivenciado nos meses seguintes.

No mês de maio, o Brasil foi surpreendido por aproximadamente 9 dias pela Greve dos Caminhoneiros. O ato, iniciado no dia 21 e finalizado no dia 30, bloqueou rodovias em 24 estados e no Distrito Federal, necessitando de intervenção de forças do Exército Brasileiro e Polícia Rodoviária Federal para solucionar a indisponibilidade de alimentos e remédios ao redor do país, escassez e alta de preços da gasolina, com longas filas para abastecer. Além disso, várias aulas e provas foram suspensas, a frota de ônibus foi reduzida, voos foram cancelados em várias cidades. Os efeitos deletérios da greve foram cobertos pela imprensa nacional e internacional e demonstraram a relevância política dos movimentos de trabalhadores.

Se nos meses de junho e julho as atenções estavam voltadas à Copa do Mundo, agosto iniciou com intensa polarização. Em 13 de agosto iniciou o processo eleitoral para a escolha de governadores dos Estados e para a Presidência da República. Coincidentemente, a disputa para o mais alto cargo do Poder Executivo contava com 13 candidatos, dentre eles políticos consolidados - como Geraldo Alkmin (PSDB) e Marina Silva (REDE) – e novatos, como o Cabo Daciolo (Patriota). O Partido dos Trabalhadores, principal expoente da esquerda, havia registrado como candidato o Ex-Presidente Lula, preso em Curitiba desde abril. Antes da realização do primeiro turno, o Superior Tribunal Eleitoral considerou o candidato ficha suja, obrigando a substituição dele por Fernando Haddad e Manuela D'Ávila.

A polarização pela qual passava a sociedade brasileira repercutiu no cenário eleitoral: os candidatos de centro detiveram pouca relevância e as campanhas de internet – inclusive com fake news – deram a tônica do processo. Muitos candidatos centralizaram suas campanhas na denúncia de corrupção, ao passo que – já naquele período – Bolsonaro conseguiu capitanear tal discurso, colocando-se como um incauto valoroso e alheio à roubalheira da política tradicional.

O favoritismo de Bolsonaro cresceu consideravelmente após a facada que ele recebeu em Juiz de Fora, no dia 06 de setembro de 2018. Tendo sua vida posta em risco e passando por diversos processos políticos, muitos brasileiros saíram em sua defesa e o processo político se agudizou consideravelmente. O acidente também poupou o candidato de frequentar os debates, centrando sua comunicação com o público pela internet.

O primeiro turno das eleições presidenciais, realizado no dia 07 de outubro de 2018, reproduziu os extremos: 47% dos votos foram para Bolsonaro e 29% para Haddad. O candidato do PSL quase foi eleito em primeiro turno, um cenário pouco previsível meses antes.

O período de campanha antes do segundo turno foi de intensa polarização. Os dissensos entre familiares e amigos por questões políticas se agudizaram de forma significativa. Os discursos ficaram tão extremados que inclusive o baiano Moa do Capendê foi morto em Salvador após declarar o voto no candidato petista em primeiro turno. Bolsonaro formou uma ampla rede de apoiadores, contando com a simpatia de importantes lideranças da igreja e pelo uso intenso das redes sociais. O apoio à Haddad foi tardio, mas significativo: os movimentos de mulheres realizaram grandes manifestações entoando os gritos de Ele Não, que repercutiram na opinião pública. Contudo, tais agitações não lograram êxito em mudar a previsão do primeiro turno: em 28 de outubro de 2018, Bolsonaro é eleito presidente como 55% dos votos válidos.

As eleições presidenciais deste ano, para além de marcarem uma ruptura significativa, se caracterizaram como as mais polarizadas desde a redemocratização e sintetizaram, em certa medida, o contexto político daquele ano.

#### **4) Os sujeitos portadores do discurso sobre conservadorismo:**

Conforme explorado na introdução, o discurso sobre o conservadorismo é aberto e relacionado ao contexto discursivo que lhe concedeu condições de emergência. Dessa forma, o objetivo do presente tópico é demonstrar quais são os sujeitos portadores deste discurso e a sua relação com o contexto discursivo de 2018.

De se destacar, inicialmente, que a pesquisa foi realizada no sítio virtual da Câmara dos Deputados. Valendo-se de uma ferramenta disponível no próprio site, é possível selecionar todos os discursos que utilizam o termo conservador. Dessa forma, os resultados aqui analisados não se trata de uma amostra do período: ele abarca a totalidade de discursos transcritos nas notas taquigráficas realizados no período de janeiro a dezembro de 2018, gerando um total de 49 recorrências.

A metodologia da pesquisa se desenvolveu na seguinte forma: após a realização da pesquisa no sítio virtual da Câmara dos Deputados, os discursos foram subdivididos em uma planilha no Microsoft Excel. Cada célula foi preenchida com informações referentes ao nome do

parlamentar falante, a data do discurso e o estado e partido do autor da fala. Tais informações foram mantidas para que se possa conhecer a regularidade e dispersão dos sentidos de conservadorismo: se fosse um termo fragmentado, demonstraria ser uma preocupação da classe política como um todo; se fosse um termo isolado, demonstraria ser a preocupação de um partido ou político específico. Ademais, o termo poderia estar em voga em decorrência de um contexto específico ou de um acontecimento, acaso este estivesse concentrado em um determinado período específico.

Os dados da tabela 01, que apresenta os parlamentares que trataram sobre o tema do conservadorismo. As taxas de recorrência mostram que o termo, no período, não é popular entre os parlamentares: são poucos aqueles que reincidentem em seu uso, e, mesmo nestes casos, não são números significativos. Isso vem a indicar que, pelo menos neste período, não se pode dizer possível que o conservadorismo se preste a ser um termo de identificação política positiva ou negativa.

Tabela 1 – Recorrência do significante conservadorismo no discurso de cada parlamentar (jan a dez/2018)

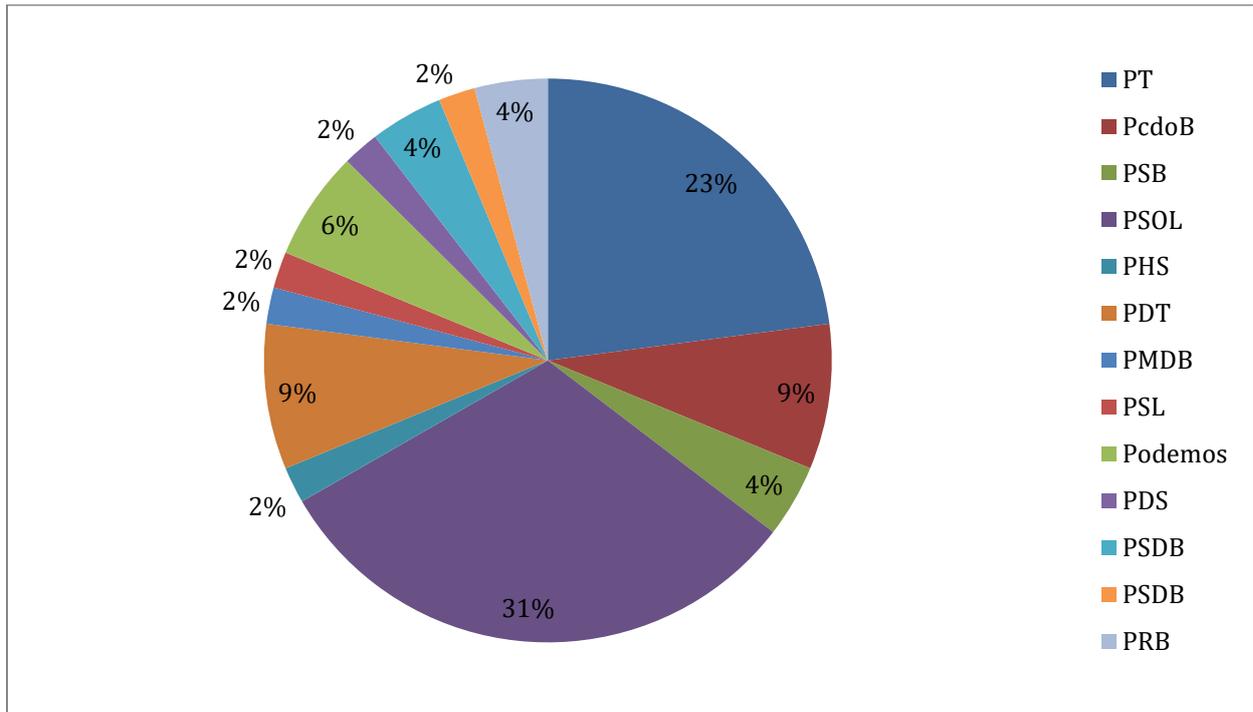
Chico Alencar	10
Feliciano	3
Ivan Valente	3
Orlando Silva	2
Edimilson Rodrigues	2
Caetano	2
Nilton Capixaba	1
Fábio Souza	1
Pedro Uczai	1
Antônio Bulhões	1
Valmir Assunção	1
Bohn Gass	1
Delegado Éder Mauro	1
Chico D'Ângelo	1
Marcus Pestana	1
Ronaldo Lessa	1

Chico Lessa	1
Fábio Trad	1
André Figueiredo	1
Brien Maier	1
Delegado Valdir	1
Osmar Terra	1
Dagoberto Nogueira	1
Zeneide Maia	1
João Daniel	1
Pepe Vargas	1
Nelson Pelegrino	1
Gonzaga Patriota	1
Celso Panciera	1
Bebeto	1
Assis Carvalho	1
Deivison Magalhães	1
João Daniel	1

Elaborado pela autora

A segunda variável analisada diz respeito aos partidos aos quais os parlamentares portadores deste discurso estão vinculados. Verificou-se que há uma pluralidade de partidos envolvidos em torno do tema, mas que – regra geral – o número de pronunciamentos envolvendo o termo não é muito comum. A exceção, neste contexto, são o PT e o PDS. Juntos, estes partidos somam 54% das recorrências. O número pode demonstrar, embora o significante seja de baixa recorrência, que ele seja importante para se compreender a identificação ideológica destes partidos. Contudo, uma pesquisa mais aprofundada seria necessária para sustentar tal informação.

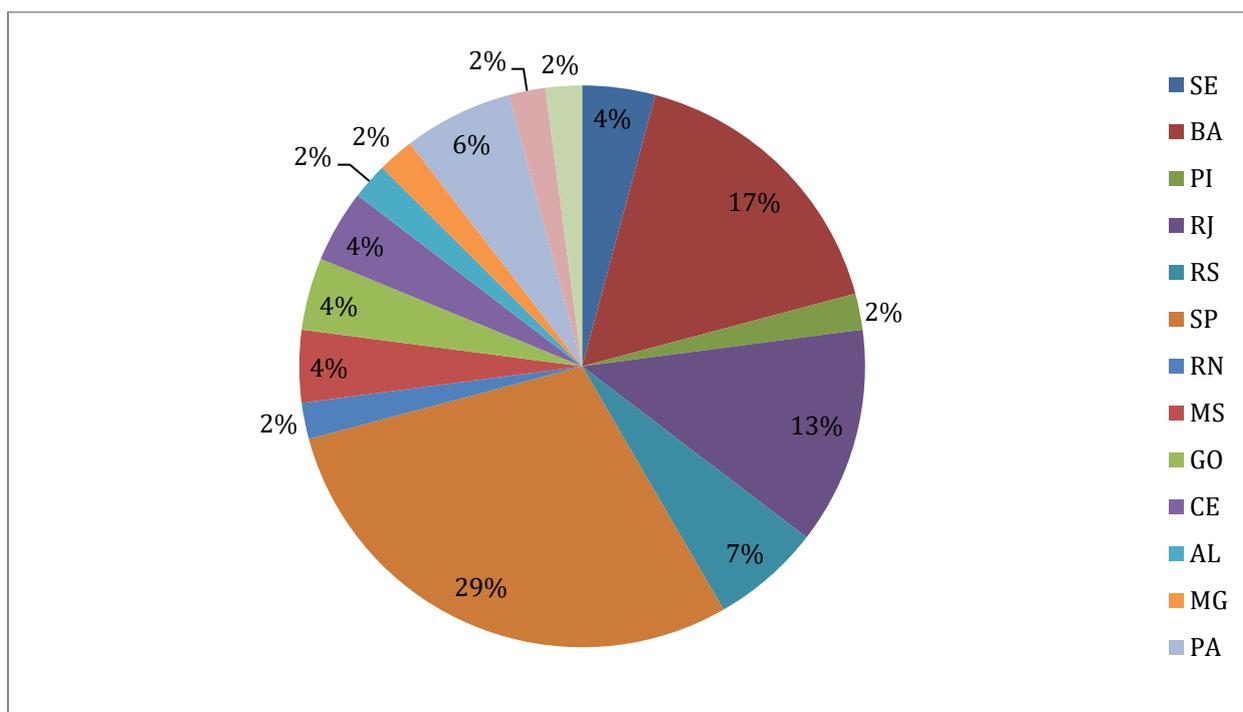
Figura 1 - Recorrência do significante conservadorismo por partido político (jan a dez/2018)



Elaborado pela autora.

A análise do estado de origem dos parlamentares também demonstra pluralidade: das 27 unidades da federação, 13 deles elegeram representantes que trataram do tema no ano de 2018. As cinco regiões brasileiras foram representadas. Verificou-se, da mesma forma, que o termo é tratado com maior afinco pelos parlamentares de Minas Gerais e da Bahia. Chama atenção o fato de que os parlamentares do Rio de Janeiro não constem nesta lista, tendo em conta relevantes acontecimentos relacionados à polarização política tiveram lugar neste estado.

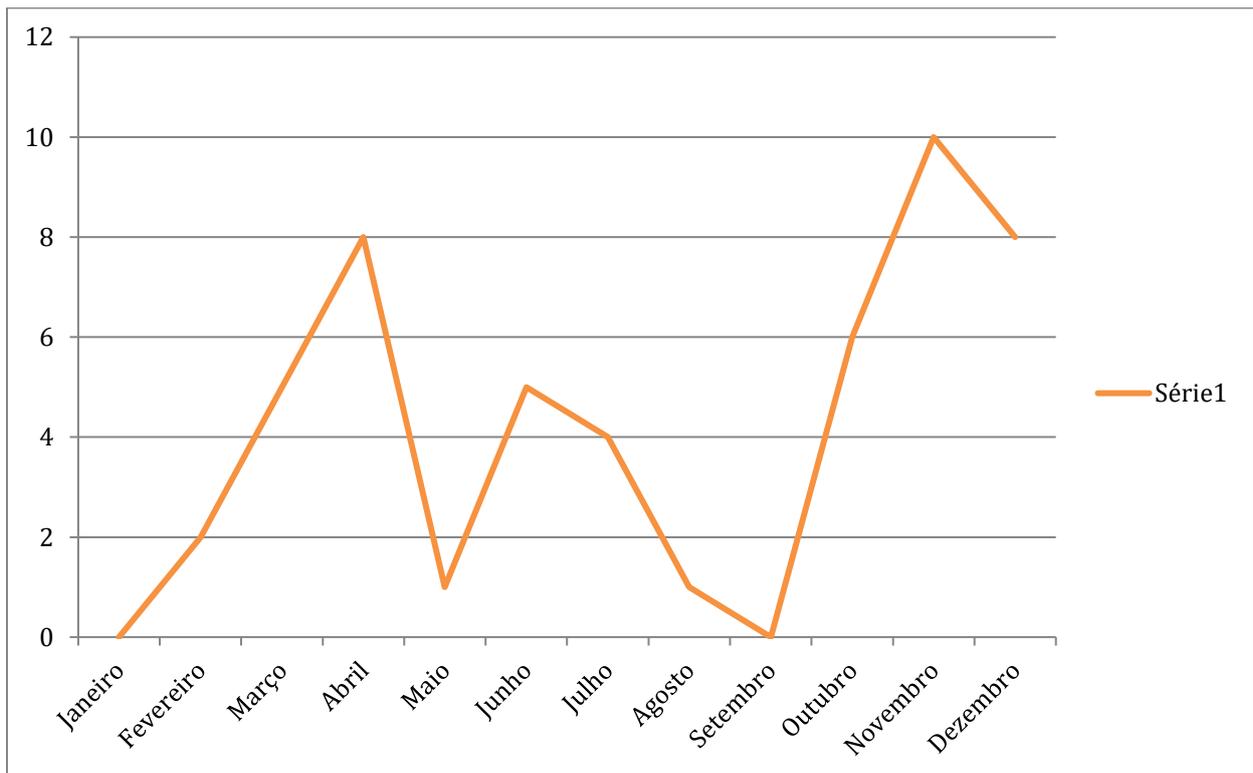
Figura 2 - Recorrência do significante conservador por Estado (jan a dez/2018)



Elaborado pela autora.

A análise da distribuição da utilização do termo por período vem a demonstrar que houve um aumento em sua utilização nos meses de março e abril e de outubro a dezembro. Isso vem a demonstrar que o termo assume, nas análises, um elemento eminentemente reativo e político: no mês de março se deu o assassinato da vereadora carioca Marielle Franco, ao passo que no mês de abril houve a prisão do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Já nos meses de outubro a dezembro, a comunidade política reagia à disputa eleitoral e a eleição de um novo governo. A maior incidência no uso do termo indica a uma nova gramática política e uma reorganização dos partidos e políticos de situação e oposição.

Figura 3 - Recorrência do significante conservadorismo no tempo (jan a dez/18)



Elaborado pela autora.

A próxima, e última, parte do artigo versará sobre os processos de significação que se articularam em torno do significante “conservador” no período de análise. Para além de trazer indícios para a compreensão política do termo, este trecho demonstrará como se estruturou o campo político no período.

##### 5) O que dizem os discursos:

A segunda parte da pesquisa foi empreendida com o auxílio do software Nvivo. No interior do programa, cada uma das postagens foi analisada e classificada de acordo com os sentidos presentes. A utilização do *software*, nesse momento, foi crucial porque ele apresenta uma ferramenta – denominada nós ou *nodes* – que propicia a criação livre de categorias que tenham por condão aproximar postagens com temáticas afins. A metodologia se construiu conforme a indicação dos próprios discursos, visto que análise individual de cada postagem indicou os sentidos discursivos presentes e eles foram – de acordo com suas particularidades – classificados em distintos nós.

Ao fim do trabalho, verificou-se a existência de três nós: pensamento conservador é contra o PT, conservadorismo é o inimigo, Bolsonaro e Trump como conservadores e conservadorismo como uma ideologia de direita.

O primeiro sentido – pensamento conservador é contra o PT – cobre 22,5% dos discursos analisados. O processo de significação realizado em torno destes termos busca vincular aqueles que são críticos ao PT ou que, de alguma forma, agem em desacordo com os interesses do partido como sujeito identificados com o pensamento conservador. Isso está expresso nos seguintes pronunciamentos:

O que não está dito nos manifestos e artigos assinados (consta que o procurador Dallagnol está em jejum e orando) pelos adeptos desse "movimento" é que há apenas dois votos favoráveis a essa tese: Roberto Barroso e Luiz Fux. Ocorre que nem o ministro Edson Fachin, nosso conservador tardio e que parece estar fazendo trajetória ao avesso do apóstolo Paulo (Saulo, Saulo, por que me persegues?), votou nesse sentido (mesmo assim, equivocado, como mostrarei, porque seu voto esqueceu o artigo 283 do CPP). (Nelson Pellegrino)

As pessoas conseguem compreender as coisas. As pessoas sabem que o corte na saúde, na educação que esse golpe patrocinou foi em função de não se seguir o que diz a Constituição e dar um golpe parlamentar sem base jurídica, através de um argumento fajuto de pedalada fiscal. O povo já entendeu isso. V.Exas. não falam em nome da sociedade. Não confundam o apoio que vocês têm de uma parcela da sociedade que apoia o golpe, porque tem um pensamento conservador, de direita, com o conjunto da sociedade brasileira. (Pepe Vargas)

Logo os porta-vozes da mídia conservadora e do punitivismo saíram a campo para defender a tese de que essa prisão não havia sido seletiva e política, argumentando que a liberdade de outros acusados na Operação Lava-Jato devia-se à proteção do foro privilegiado. Isso é uma verdadeira farsa, que busca esconder o fato de que este mesmo Supremo, inclusive com o voto de minerva de sua atual Presidente, em uma decisão apertada de 6 contra 5, foi o que manteve o mandato e a imunidade de Aécio Neves após a escandalosa conversa do Senador tucano com Joesley Batista. (Ivan Valente)

Os trechos acima selecionados dizem que a prisão do Ex-Presidente Lula e as ações conservadoras empreendidas no Congresso Nacional estão a serviço dos interesses de uma elite conservadora desvinculada do povo. Eles constroem um imaginário popular progressista, que vem sendo alojado do seu protagonismo político por conta das perseguições políticas e jurídicas que os principais líderes petistas sofreram no período.

O segundo sentido – conservadorismo é o inimigo – cobre 23,4% dos discursos analisados. Neste discurso, assim como no primeiro caso, busca-se opor-se ao discurso conservador, atribuindo-lhe características negativas, que não estão presentes na forma com que os falantes veem o mundo.

Por outro lado, há um vertiginoso crescimento de grupos religiosos ultraconservadores, inclusive dentro do espectro do catolicismo, colonizando os poderes públicos e usando de estratégias violentas para a criminalização dos mais pobres, dos defensores dos direitos humanos, dos movimentos sociais organizados; enfim, de segmentos que lutam por uma sociedade mais justa, igualitária, fraterna e inclusiva. (zeneide maia)

A eleição de Bolsonaro é uma vitória, ainda que por pequena margem, das ideias da nova direita, que tem como seu formulador maior, desde o fim dos anos 90, o filósofo Olavo de Carvalho. Nova direita que Bolsonaro traduz com seu velho discurso tacanho tecido com traços racistas, misógenos e de apologia à tortura e à ditadura. Essas ideias ganharam enraizamento popular quando começaram a se fundir com as pregações neopentecostais de pastores carismáticos, com grande poder de influência nas periferias das grandes cidades, capilarizando-se crescentemente em todo o País. Abre-se uma nova igreja com facilidade, onde os fiéis buscam as curas de seus muitos males. O físico alia-se ao "metafísico": as prédicas, de viés muito conservador nos costumes e centrando na salvação individual, desde que se aceite a verdade divina única, estão nas TVs e rádios durante 24 horas. Só o resgate da autoridade, do "respeito" e a destruição dos "pecados do mundo" evitarão o caos. (chico Alencar)

Tive oportunidade, como Governador, de criar duas universidades em Alagoas, também democráticas, buscando valorizá-las. Em um Estado como o nosso, conservador, com uma elite perversa, em que nos concursos públicos só passavam filhos de pessoas importantes, os que eram indicados, nós implantamos os concursos públicos e os moralizamos naquele momento.

Conforme se pode ver, cada um dos parlamentares constrói uma ideia de conservador: para o primeiro, os conservadores criminalizam os mais pobres, os defensores dos direitos humanos e dos direitos sociais. São contra a sociedade justa, igualitária, fraterna e inclusiva. Já o segundo identifica o discurso conservador como racista, misógeno, que faz apologia à tortura e a ditadura. Além dos mais, os conservadores são tradicionais nos costumes. No último caso, os conservadores não detêm características republicanas, privilegiando sempre os interesses políticos. Eles constroem, em todos os casos, a ideia de um outro, diferente deles.

Na esteira da construção do inimigo, o terceiro sentido – Bolsonaro e Trump como conservadores – recebe cobertura de 27,3% dos discursos. Conforme demonstram os exemplos abaixo, a relação entre os dois candidatos com o conservadorismo é feita por críticos e aliados: para os primeiros, o conservadorismo é algo ruim. Para os segundos, é a salvação necessária para a sociedade brasileira, após anos sob governança petista.

Sr. Presidente, o PSL é direita; o PSL é conservador; o PSL é Bolsonaro; o PSL é Lula na cadeia, é bandido na cadeia, é toda a quadrilha do PT atrás das grades. Lugar de bandido é na cadeia. O PSL é a voz do povo de bem deste País; o PSL é o povo cristão; o PSL é que vai fazer a diferença neste País; o PSL é Moro no STF; o PSL é a mudança deste País. (Delegado Waldir)

Os Estados Unidos da América tomam um caminho. Donald Trump torna-se líder agora não apenas dos Estados Unidos da América, mas de todo o pensamento conservador do mundo. O mundo para e olha para os Estados Unidos agora. A esquerda, tanto aqui no plenário quanto na mídia toda, dissimula e mente acerca das tratativas dele. (Marco Feliciano)

Mas, quando diz que Donald Trump separa crianças das famílias, S.Exa. esquece que quem criou a lei foi um democrata, Bill Clinton. Obama separou crianças também. Contudo, agora aparece Donald Trump, que assusta a esquerda, que encara a esquerda de peito aberto, que mostra ao mundo que é possível ser um conservador ainda, que é contra o politicamente correto. Mas a esquerda não absorve, não entende isso. Donald Trump é hoje o maior líder conservador que existe no mundo. (marco Feliciano)

O último sentido ideológico, presente em 26,8% dos discursos analisados, vincula o pensamento conservador como se fosse um pensamento de direita. Este é um movimento presente tanto nos defensores de Bolsonaro como nos críticos de seu governo e está presente, em menor ou maior intensidade, em muitos dos trechos analisados na presente pesquisa. É importante ressaltar, como consta no pronunciamento abaixo colecionado, que não somente o PSL é identificado como um partido conservador e de direita: todos aqueles partidos que defenderam as reformas políticas que precarizaram os direitos sociais previstos na Constituição de 1988 são assim entendidos no campo político brasileiro.

O PMDB, ao assumir a Ponte para o Futuro, assumiu um programa excessivamente liberalizante, um programa de direita extremamente conservador, que outrora já foi defendido por outros partidos, e pendeu a balança da política, aqui neste Congresso, para direita, para uma ação de maioria conservadora.

A minha volta, então, ao PT é para ajudar nessa trincheira do campo, operária e popular, aqui dentro desta Câmara, fazendo a defesa das propostas dos trabalhadores e das trabalhadoras. (Celso Pancera)

Não há, porém, uma consciência politizada e organizada na extrema direita. O MBL é um esboço dessa organização. O PSL tenta se estruturar como partido agora forte, com grande base parlamentar. O que formou o arco vitorioso foi mais o veto do que o voto: veto ao retorno do PT ao poder. Pelo tanto que errou, sim, mas também, na ótica do conservadorismo mais retrógrado, pelo que fez de bom, pela aceitação de uma diversidade que os autoritários negam. (Chico Alencar)

A análise dos dados demonstrou que o campo político, no ano de 2018, estava muito polarizado não só por conta do contexto eleitoral, como também pelas ocorrências de greves e manifestações na sociedade civil. Para além de um processo de significação em torno de um termo controverso, estes dados dizem muito sobre a reestruturação ideológica pela qual a política brasileira vem, desde então, passando, com o esvaziamento do centro e a agudização dos dois polos.

## **6) Conclusão**

Partindo do pressuposto de que o processo de significação em torno de conservadorismo é dado de forma relacional e intercambiado pelo contexto discursivo que lhe deu condições de existência, o presente trabalho buscou identificar como tal conceito foi

compreendido na Câmara dos Deputados no ano de 2018. O processo de identificação estabelecido em torno do termo demonstrou que o campo político estava polarizado e que o termo se colocou como relevante para a distinção promovida entre os discursos de direita e de esquerda. Ao que parece, alguns parlamentares assumem o termo como próprio de seu discurso e o colocam como uma agenda relevante nos anos seguintes.

### **Referências bibliográficas:**

- ALMEIDA, Ronaldo. Bolsonaro Presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estud. CEBRAP* vol.38 no.1 São Paulo Jan./Apr. 2019, p. 185 - 213.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do estado*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.
- KAYSEL, André. Regressando ao regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: CRUZ, Sebastião Velasco e, KAYSEL, André, CODAS, Gustavo (orgs.) *Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. Disponível em: <http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/Direita%20volver%20Final.pdf>
- LACLAU, Ernesto. *La guerre des indentités. Grammaire de l’emancipation*, 2000. In: LACLAU, Ernesto. *Los Fundamentos Retóricos de la Sociedad*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.
- LACLAU, Ernesto. *Misticismo, Retórica y Política*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- LACLAU, Ernesto. *Nuevas Reflexiones sobre la Revolución de nuestro Tiempo*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1990.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical*. São Paulo: Intermeios, 2015.
- MENDONÇA, Daniel de; LINHARES, Bianca. Ideologia e partidos políticos no Brasil: elementos teóricos e metodológicos para uma proposta de classificação. *Anais do X Encontro da Associação de Ciência Política*. Belo Horizonte: setembro de 2016.
- MENDONÇA, Daniel. A noção de antagonismo na Ciência Política contemporânea: uma análise a partir da teoria do discurso. *Revista de Sociologia e Política*. v. 1. n° 20. Curitiba: junho de 2003. p. 135-145.
- MENDONÇA, Daniel. A noção de antagonismo na Ciência Política contemporânea: uma análise a partir da teoria do discurso. *Revista de Sociologia e Política*. v. 1. n° 20. Curitiba: junho de 2003. p. 135-145.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCHAVELZON, Salvador. *The End of the Progressive Narrative in Latin America*. Alternaltas. Londres: Alternaltas in London, 2016. Disponível em: <http://www.alternautas.net/blog/2016/5/24/the-end-of-the-progressive-narrative-in-latin-america>
- ŽIŽEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- ŽIŽEK, Slavoj. Introdução. *O espectro da ideologia*. In: \_\_\_\_\_. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.